



Linhas Críticas
ISSN: 1516-4896
rvlinhas@unb.br
Universidade de Brasília
Brasil

Marques, Valéria; Satriano, Cecilia
NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DO PRÓPRIO PESQUISADOR COMO FONTE E
FERRAMENTA DE PESQUISA
Linhas Críticas, vol. 23, núm. 51, junio-septiembre, 2017, pp. 369-386
Universidade de Brasília
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193554180008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DO PRÓPRIO PESQUISADOR COMO FONTE E FERRAMENTA DE PESQUISA¹

Valéria Marques
UFRRJ – Brasil

Cecilia Satriano
(UNR – Argentina)

Resumo

A pesquisa autonarrativa ou autobiográfica ainda desperta discussões no campo da metodologia científica. Apresentaremos uma revisão bibliográfica e discussão temática tendo como questão principal: a narrativa autobiográfica do próprio pesquisador pode ser considerada válida e viável no campo das Ciências Humanas e Sociais? O referencial teórico será a perspectiva da Psicologia Cultural. Nosso objetivo é reunir elementos que alimentem a reflexão sobre a narrativa como fonte e ferramenta metodológica de pesquisa e contribuir para o aspecto teórico e procedimental do uso da narrativa autobiográfica do próprio pesquisador.

Palavras-chave: Autonarrativa. Autobiografia. Pesquisa narrativa.

1 Este artigo foi produzido a partir do texto apresentado na XV Reunião da ANPEPP em maio/14 e na VI Congresso Internacional de Pesquisa Autobiográfica (CIPA) em novembro de 2014.

Resumen

La investigación autonarrativa o autobiográfica aún despierta discusiones en el campo de la metodología científica. Presentaremos una revisión bibliográfica y discusión temática teniendo como cuestión principal: ¿la narrativa autobiográfica del propio investigador puede ser considerada válida y viable en el campo de las Ciencias Humanas y Sociales? El referencial teórico será la perspectiva de la Psicología Cultural. Nuestro objetivo es reunir elementos que alimente la reflexión sobre la narrativa como fuente y herramienta metodológica de investigación y contribuir al aspecto teórico y procedimental del uso de la narrativa autobiográfica del investigador.

Palabras clave: Autonarrativa. Autobiografía. Investigación narrativa.

Abstract

Self-narrative or autobiographical research still arouses discussions in the field of scientific methodology. We will present a bibliographical review and thematic discussion having as main question: the autobiographical narrative of the own researcher can be considered valid and feasible in the field of Human and Social Sciences? The theoretical framework will be the perspective of Cultural Psychology. Our objective is to gather elements that feed the reflection about the narrative as a source and methodological research tool and to contribute to the theoretical and procedural aspect of the use of the autobiographical narrative of the researcher.

Keywords: Self-narrative. Autobiography. Narrative research.

Résumé

La recherche self-narrative ou la autobiographique suscite encore des discussions dans le domaine de la méthodologie scientifique. Nous présenterons une revue bibliographique et une discussion thématique, ayant comme question principale: le narrative autobiographique du chercheur lui-même peut être considéré comme valide et réalisable dans le domaine des sciences humaines et sociales? Le cadre théorique sera la perspective de la psychologie culturelle. Notre objectif est de rassembler des éléments qui nourrissent la réflexion sur le récit comme outil de recherche source et méthodologique, et de contribuer à l'aspect théorique et procédural de l'utilisation du récit autobiographique du chercheur.

Mots-clés: Autonarrative. Autobiographie. Recherche narrative.

Introdução

As Ciências Humanas e Sociais enfrentam um desafio na produção de conhecimento ao debruçar-se sobre o estudo acerca do ser humano devido ao fato de que o foco de estudo e o pesquisador sejam frutos da mesma natureza. Neste contexto, destaca-se o uso da narrativa como ferramenta metodológica visto que permite que sujeito e foco de estudo estejam reunidos na mesma pessoa. A escrita sobre si, isto é, a narrativa autobiográfica ou autonarrativa não é recente, mas seu uso como estratégia investigativa ainda desperta calorosas discussões.

Neste artigo buscaremos aprofundar esta forma de estudar a subjetividade humana, com uma especificidade, tendo como base de análise a narrativa autobiográfica do próprio pesquisador. Apresentaremos uma revisão bibliográfica e discussão temática tendo como questão principal: a narrativa autobiográfica do próprio pesquisador pode ser considerada válida e viável no campo das Ciências Humanas e Sociais? O referencial teórico será a perspectiva da Psicologia Cultural. A narrativa é um caminho para compreender os outros e o mundo, que acontece via a interação real no contexto pragmático e social (Hutto, 2006). Nosso objetivo é reunir elementos que alimentem a reflexão sobre a narrativa como fonte e ferramenta metodológica de pesquisa e contribuir para o aspecto teórico e procedimental do uso da narrativa autobiográfica do próprio pesquisador.

Este artigo está organizado com os seguintes tópicos: narrativa; pesquisa narrativa; procedimentos sugeridos; facilidades e obstáculos; e narrativa autobiográfica na formação profissional.

Narrativa

A capacidade do uso da linguagem é algo inerente ao ser humano. Sua capacidade de narrar o mundo e a si mesmo abre oportunidade ímpar para seu desenvolvimento já que permite trabalhar no campo das ideias com fatos reais ou ficções e navegar pelo espaço e tempo. A partir de narrativas, tem-se a possibilidade de (re)elaborar questões internas e fortalecer a autoria e a autonomia. A narração não é a descrição fiel do fato, mas como ele foi construído mentalmente pelo narrador. No narrado podemos conhecer mais acerca da subjetividade do narrador do que a “verdade” em si do narrado. No sentido tradicional, as narrativas são formas orais ou escritas de contar uma história. Os linguistas as estudam como modalidade específica do discurso buscando analisar o sentido do narrado, todavia sem ênfase na interação entre homem e ambiente (Casmanie, 2007; Cunha, 2009). Neste artigo ampliamos a conceituação de narrativa e a consideramos como construção de um enunciado (expressão de si e da realidade), texto verbal ou não verbal que anuncia um enredo no qual transparece o mundo interno de seu narrador em interação com o mundo externo. Hutto (2012) aponta que as narrativas artísticas abrem a oportunidade para obter *insights* pessoais. Ao explorar este tipo de narrativa podemos nos aproximar das nossas emoções e aumentar nossas capacidades de refletir sobre elas.

Ferrarotti (1988 *apud* Bueno, 2002) fundamenta nosso percurso quando conclui que “toda práxis humana é reveladora das apropriações que os indivíduos fazem dessas relações e das próprias estruturas sociais” (p. 19). Há um duplo processo de interiorização e exteriorização característico da subjetividade humana. Afirma que a relação entre a história social e a individual não é linear, há uma relação dialética de mútua influência. O sujeito apreende a realidade, a transforma e a traduz em sua subjetividade, denominado pelo autor como “reapropriação singular do universal social e histórico” (Ferrarotti, *op. cit.*, p. 19). Comumente os pesquisadores de narrativa em suas investigações procuram as camadas contraditórias do significado e compreendem mais sobre a mudança individual e social (Squire, Andrews & Tamboukou, 2013).

Bamberg e Georgakopoulou (2008) criticam a metodologia narrativa canônica e propõem uma mudança narrativa que valorize a interação e inclua certas atividades sub-representadas nas preocupações focais de análise narrativa e de identidade. Os autores apresentam uma operação analítica de cinco passos e argumentam o modelo de posicionamento. Eles veem o conteúdo da história como uma função do envolvimento interacional.

Nosso objetivo é através do escrutínio de pequenas histórias em uma variedade de locais e contextos para legitimar o gerenciamento (ou não) de posições diferentes e muitas vezes concorrentes e contraditórias, pois o elemento principal da identidade trabalha através da narrativa. E é nesse sentido que vemos a identidade como um *processo* que está constantemente em reconstrução: mudando constantemente, mas ao mesmo

tempo resultando em um senso de igualdade. É também neste contexto que desejamos contribuir para a colocação firme no panorama que aborda a narrativa e identidade que *descreve* em detalhes *como* as identidades são produzidas em contextos locais de narração de histórias (grandes ou pequenas) e como elas são moldadas por elas. Enquanto os contadores de histórias dependem do papel do engajamento interativo como uma dimensão fundamental para a finalidade dos processos de formação da identidade, a pesquisa narrativa pode se basear nestes contadores de histórias seguintes: descrevendo seu design em detalhes e aprendendo o que eles consistem. (Bamberg & Georgakopoulou, 2008, p. 16, grifo dos próprios autores, tradução livre das autoras).

Fonte (2006) discorre acerca do estudo da narrativa que reestrutura-se dentro da perspectiva de interação sujeito e ambiente, sendo esta interação autorreferenciada e interpretada a partir dos quadros operatórios do próprio sujeito. Desta forma, o ser humano é ativo e não um receptáculo de informações ou um mero processador de informações. Seu pensamento é fluido, metafórico e imaginativo, e simultaneamente busca sentido da realidade em eterno movimento, caótica, complexa. Como resultado das próprias distinções perceptivas há inúmeras possibilidades de leitura de si e do mundo. A construção narrativa emerge deste emaranhado, deste pulsar. As narrativas são co-construídas dentro do contexto interpessoal. A investigação narrativa usa diferentes níveis de análise para compreender os contextos sociais e emocionais que mudam o tempo todo e também o significado de negociação do mundo (contextos locais, grandes contextos culturais, históricos e sociais) e nosso posicionamento (Shuman, 2012; Phoenix, 2013).

Benjamin (1994) propõe a narrativa como uma “forma artesanal de comunicação” (p. 205), o que implica uma interação, mas sem a preocupação de retratar a realidade como um relatório fiel, visto que a narrativa apresenta a realidade a partir de seu narrador (que supõe seu interlocutor). O sujeito está impregnado no narrado. Cada narração é única, pois ao narrar pela segunda vez, o narrador não é mais o mesmo, e nem o narrado será feito da mesma forma.

Camasnie (2007) baseada em seus estudos sobre Arendt enaltece o uso da narrativa para a busca da compreensão que o homem pode ter de si, como coautor de sua vida. Para que esta compreensão se dê, ela transcorre no espaço do diálogo do autor consigo mesmo e com seus interlocutores como testemunhas. Foca-se o sujeito relacional.

No caso da narrativa autobiográfica, o autor e o espectador estão reunidos na mesma figura. Mesmo assim, garante-se o aspecto relacional visto que o eu é formado por vários “eus” e o “outro”, não se nasce sujeito, se constitui um. O si mesmo é marcado pela fluidez, é marcado por um passado, um presente e um futuro que se entremeiam (três tempos: passado-presente; presente-presente; futuro-presente) e se atualizam, uma vida em aberto, na qual o inesperado faz parte e a (re)leitura é permitida. A

autora afirma que “é impossível estar no mundo entre os homens sem que a ação e o discurso estejam presentes” (Camasnie, 2007, p. 35).

Concluindo, a narrativa de histórias pessoais tem na memória seu apoio principal para poder se dar. Mas esse trabalho de rememorar o passado não pode ter como finalidade o tão simplesmente lembrar para contar, que muitas vezes pode se dar de modo desatento ou até obsessivo. Para que a narrativa possa alcançar uma finalidade, a compreensão de si mesmo, a lembrança precisa se dar de modo ativo para que conquiste sua dimensão libertadora (CAMASNIE, 2007, p. 48).

Trahar (2009) discute a investigação narrativa como uma experiência dialógica, interessada nas experiências de significados. O pesquisador não é apenas um observador, mas descreve a investigação como uma jornada para os sujeitos de pesquisa e para o pesquisador ao mesmo tempo. Ela apresenta a narrativa valorizando a percepção do pesquisador, que reconhece limitações e articula as complexidades éticas. É uma oportunidade para o pesquisador interrogar sua própria perspectiva (cultura, crença, ponto de vista, etc.) e aumentar sua experiência profissional. A investigação não restringe os dados verbais.

O inquérito narrativo não privilegia um método de coleta de dados. Porque a pesquisa é a vida vivida na paisagem (PHILLION, 2002), então inevitavelmente, outros eventos, ações, acontecimentos também são parte da pesquisa e são tecidos nas histórias recontadas. Convidei os alunos para conversar comigo [e os dados] foram gravados, transcritos e "analisados", mas as "entrevistas" podem ser consideradas de menor importância do que a observação de eventos, sentimentos, palpitações, conversas no corredor (CLANDININ & CONNELLY, 2000 CLOUGH, 2002). (Trahar, 2009).

Epprech (2012), a partir da literatura, estuda o sujeito no seu aspecto ficcional e não ficcional presente na escrita de si, como parte da egoliteratura. Em suas investigações relaciona a imaginação como passo “fundamental no conhecimento e na relação do indivíduo com tudo o que o cerca e o constitui” (Epprech, *op. cit.*, p. 2). Assim sendo, a imaginação, a ficcionalização, é considerada importante tanto para a escrita de si quanto para a percepção e elaboração da realidade, “a elaboração pessoal da experiência (via imaginação) surtiria mais efeito do que a experiência em si mesma” (p. 3). Apoiada em Klinger (2006) e Versiani (2005), Epprech (*op. cit.*) questiona os paradigmas clássicos que sustentam a integralidade do *self* e contrapõe sua flexibilidade, complexidade e singularidade. Surge, então, a possibilidade da criação discursiva de si.

O escritor e o narrador congregam alma (mente), olho e mão no processo de criação

literária. O olho (e todo corpo, aliás) é canal para afecção do corpo e da mente/alma, para a passagem da “exterioridade” para a “interioridade” e vice-versa. Para apreender o mundo é necessário fazer imagens dele (não necessariamente imagens visuais, mas marcas do mundo no corpo), daí se pensar a imaginação. Para Spinoza, imaginação é conexão de imagens com outras imagens (Imagem como o resultado de um processo duplo de afecção do corpo e percepção da mente). Trata-se do mecanismo para “ler” o mundo ao ser afetado por ele (Epprech, 2012, p. 13).

Silva (2012), em seu estudo sobre o texto autoficcional, apresenta Vilain (2009) que defende o exercício da escrita de si na resignificação de memórias, reinterpretação de lembranças a partir da reflexão sobre a vida. Cada autor tem forma própria para este movimento, é esta organização que caracteriza o texto autoficcional que se desloca da narrativa cronológica dos fatos.

Barthes (1976) considera a narrativa presente em todas as expressões da experiência humana, não apenas nas construções orais e escritas, mas nas produções “textuais” da humanidade, tais como na música, nas lendas, nas pinturas, nas conversações etc. Para o autor, ao narrar, o ser humano busca extrair o sentido da realidade.

Bruner (1997) enaltece o pensamento narrativo em contraposição ao pensamento lógico matemático. Descreve a narrativa como uma forma de expressão do vivido com significado próprio articulado com os significados socioculturais resultantes da interação do sujeito com a realidade. Para este autor, a narrativa tem uma “paisagem dual”, ou seja, concomitantemente há registros do “mundo real” e eventos fictícios, frutos de sua percepção e imaginação. A narrativa faz a ponte entre o mundo canônico da cultura (exterior) e o mundo dos desejos, crenças e esperanças (interior). A autonarrativa tem como objetivo o alcance de coerência, vivacidade e adequação interna e externa. Por vezes, este objetivo não é alcançado, como por exemplo, no autoengano. Conteúdo e forma da narrativa são importantes e inseparáveis, esta conexão é singular e marca o estilo do narrador. Membros de uma mesma cultura compartilham alguns traços de estilo semelhantes os quais facilitam o diálogo e a compreensão do sentido. Esta mesma característica levada ao extremo valida algumas narrativas e as tornam narrativas oficiais comprometendo a capacidade crítica e criativa de construção textual.

A Psicologia Cultural de Bruner (1997) apresenta duas exigências ao estudar-se a narrativa: a primeira é que a interpretação de sentido deve considerar tanto os aspectos individuais quanto os culturais (sócio-históricos); a segunda é que além de explorar os significados, é preciso explorar também os usos práticos da narrativa. A quem serve, o que provoca, que regras defende, a que ideal de homem se aplica? A pesquisa das autobiografias se presta a estas análises, a ênfase não está no registro fiel, cópia da realidade (até porque é impossível), mas na dinâmica, no que a pessoa pensou que fez, porque ela pensou que fazia alguma coisa, em que situação ela

pensou que estava, como ela descreve seu sentimento e apreensões desta situação descrita. O autor revela que a narração não apenas relata, mas justifica, há uma leitura contextual em todo texto produzido. Há um enredo, uma sequencialidade, um conjunto de escolhas e a busca de justificar o anticanônico. Neste processo há a possibilidade de um desvelamento, uma nova apropriação e consequentemente um novo posicionamento no mundo.

Pesquisa narrativa

A pesquisa narrativa vem ganhando campo e corpo na contemporaneidade, principalmente depois da década de 1980 na Europa para resgatar o valor da subjetividade, recolocar o sujeito no centro das ciências humanas (Catani, 1997), com destaque para as áreas da Antropologia, Sociologia, História, Filosofia, Educação e Psicologia. No Brasil, este movimento ganha força a partir da década de 1990 (Silva & Mendes, 2009). Na Educação, campo fértil para este tipo de pesquisa, com grande contingente de produções, há o destaque para a pesquisa junto ao professor, que coaduna a dimensão dupla, de investigação e formação (Souza, 2006; Cunha, 2009). Destaca-se nesta perspectiva o papel ativo do pesquisador como ator e investigador de sua própria história.

Pineau (1999 *apud* Silva & Mendes, 2009) distingue quatro categorias relacionadas à (auto)biografia

a *biografia*, que se manifesta como a escrita da vida do outro; a *(auto)biografia*, que remete à escrita da própria vida; os *relatos orais*, que seria considerar o que se escreve sobre a vida do outro, como uma espécie de “intriga”; e as histórias de vida, que envolve um conhecimento de si na interrelação indivíduo/coletivo (Silva & Mendes, 2009, p. 8).

Bossle e Molina Neto (2009) utilizaram a autoetnografia, uma forma de autonarrativa, em sua pesquisa em interlocução com Reed-Danahay (1997), Chang (2008) e Ellis (2004), desenvolvendo uma análise cultural e interpretativa centrada nas vivências do próprio pesquisador enquanto sujeito em seu contexto social. Assim, o sujeito expressa e interpreta e apreende o sentido do material. Sobre esta abordagem em seus escritos, eles afirmam que

Entendemos que essa diversidade de descritores representa a possibilidade de aproximação do sujeito que pesquisa em lidar com os próprios impulsos, sentimentos e emoções em relação ao objeto de pesquisa e sua própria cultura (Bossle & Molina Neto, 2009, p. 133).

A pesquisa narrativa oportuniza o encontro do individual e do coletivo visto que o narrador traz a marca do singular em sua narrativa, ao mesmo tempo em que traz a marca da cultura, da história, do contexto.

[...] a biografia, ou autobiografia, constitui um instrumento sociológico capaz de garantir essa mediação do ato à estrutura, ou seja, de uma história individual a uma história social. Esses argumentos sustentam-se no entendimento de que a (auto)biografia implica a construção de um sistema de relações e a possibilidade de uma teoria não formal, histórica e concreta, cuja ação incide diretamente no social. (Silva & Mendes, 2009, p. 5).

Além disto, há a multiplicidade de “eus” que se encontra com o “outro”, do próprio narrador e de seu interlocutor. O narrado ultrapassa a mensagem intencional e transmite mais do que a consciência percebe. Seguindo este raciocínio, a narrativa relaciona-se com o resgate do valor da subjetividade, e a subjetividade pode tornar-se conhecimento científico justamente pela dupla dimensão da narração, individual e social, “uma vez que o sujeito-ator do processo de investigação encontra-se socialmente situado, imbricado em uma rede de interrelações, que envolve o individual e o coletivo” (Silva & Mendes, 2009, p. 7). E quando a narração trata-se de um estudo autobiográfico, como proceder? Que caminhos seguir? Que dificuldades podem surgir e como enfrentá-las? O próximo item busca discutir estes tópicos.

Procedimentos sugeridos

A pesquisa autonarrativa fundamenta-se na descrição, reflexão e introspecção tanto intelectual quanto emocional do narrador (em sintonia com autores escolhidos por ele dentro de um contexto sociocultural para interlocução teórica) e do leitor/interlocutor da narrativa (Bossle & Molina Neto, 2009). Nóvoa (2000 *apud* Silva & Mendes, 2009) afirma que as principais críticas a este tipo de pesquisa provêm de correntes da psicologia e da sociologia. As primeiras reclamam da fragilidade metodológica e as seguintes reclamam do esvaziamento das lógicas sociais. O autor responde que estas críticas podem ser superadas pela ação atenta e preparada do pesquisador.

O pesquisador, quer seja na pesquisa narrativa ou autonarrativa, não é neutro. Ele vive uma dualidade de proximidade e distanciamento, de apropriação e estranhamento, de conforto e angústia. Propomos o diálogo como base entre o pesquisador e o

narrador, quer sejam ou não o mesmo sujeito. O diálogo só é possível a partir da semelhança guardada as diferenças, isto é, preciso reconhecer o “eu/eus” e o “outro”. Na hermenêutica aplicada neste contexto haverá sempre um limite do indecifrável, indizível no texto, pois não se vê o que não se conhece, não se ouve o que não se sabe.

Diversas são as possibilidades de registro da autonarrativa no qual são registrados os fatos como observados, assim como os sentimentos, as reações, os preconceitos, ou seja, são registrados tanto os aspectos cognitivos quanto afetivo-sociais. Segundo Souza (2006), a autonarrativa pode ter como fonte: a) as entrevistas narrativas podem se dar em um diário de campo (escrito, gravado ou filmado), logo após a atividade ou ao final do dia ou rememoração de situações vivenciadas, por exemplo; e b) documentos pessoais, tais como agendas, bilhetes, fotos e desenhos. Além da descrição do que foi vivenciado, tem o como foi vivenciado e a distância entre a expectativa inicial da vivência e a marca deixada. Considerando a proposição dos níveis de ambiente de Bronfenbrenner (1996), é interessante acrescentar as observações das relações sociais e contextuais.

Todo material coletado deve ser identificado, com descrição do ambiente de coleta dos dados, dia, hora, pesquisador, e observações pertinentes. Estas informações ajudarão à catalogação, organização e arquivamento dos dados.

Destacaremos as videograções que permitem ao pesquisador ir e vir, observar de diferentes ângulos diversas fontes tanto orais, quanto gestuais, quanto interacionais, por exemplo. A entonação de voz, os silêncios, os movimentos repetitivos (tiques), o descompasso entre o que se diz e o que se expressa corporalmente são elementos que podem ser melhor observados. O uso da videogração na autonarração libera o narrador de seu papel de pesquisador favorecendo a liberdade de expressão. Belei, Gimenez-Paschoal, Nascimento e Matsumoto (2008) destacam que, ao assistir pela primeira vez, são retidos os aspectos mais impactantes e impressionantes do observado. Ao assistir outras vezes o vídeo, outros detalhes podem ser percebidos.

A videogração pode ser usada junto com outros instrumentos formando uma triangulação de métodos. Garcez, Duarte e Eisenberg (2011, p. 254) assinalam que na videogração considera “o olhar de quem filma, seu posicionamento, seus recortes enquadramentos”. O uso de imagens depende de autorização, no caso de crianças, de seus responsáveis, mas nos casos de violência ou abuso nem mesmo com autorização as imagens podem ser divulgadas.

O pesquisador deve treinar o manejo do equipamento para que não perca a filmagem. Um erro comum é deixar o botão de filmagem ligado na hora errada e perder a entrevista. Experimentar a distância, a iluminação e o som antes da coleta efetiva da pesquisa evitam uma gravação ruim. O uso do tripé colabora na qualidade da imagem e a liberação do filmador. Recomenda-se a produção de um curta com as imagens a ser entregues aos participantes. A destinação de um tempo para o *rapport* inicial facilita todo o processo, assim como diminui o estranhamento com a gravação em vídeo.

O registro e a análise do vídeo podem ser feitos de diferentes formas em acordo com a teoria adotada. Com o aparato digital atual, utilizar a videogravação transportada para o computador facilita o registro dos dados de forma organizada e passível de ser resgatada. Podem-se localizar efetivamente no tempo as imagens ou cenas escolhidas. Mesmo o registro mais detalhado sempre fará um corte de observação e incluirá elementos enquanto deixará outros de fora. Nossa sugestão é assistir o vídeo diversas vezes, na primeira tentar pegar o sentido geral e ir registrando as marcas que são percebidas no primeiro enlace. Estas observações poderão ser aprofundadas depois ao serem revistas. Dispor estas informações em três colunas colabora com o resgate e organização das informações: na primeira coluna marca o tempo de início e fim; na segunda coluna registra-se a cena; na terceira registram-se as marcas de análise e as possíveis leituras e interlocuções.

Para a organização e análise dos dados, propomos a categorização pautada na repetição/frequência, relevância, intensidade ou estranheza. O tratamento qualitativo predomina e quando ressaltamos a repetição/frequência, dá-se não meramente pelo caráter estatístico, da força argumentativa que se faz presente quer seja pela canocidade, quer seja pelo incômodo.

Baseada em Mainardi (2009) sugerimos que ao retomar a narrativa autobiográfica (oral, escrita, ou outras produções) para análise, o pesquisador narrador produza um novo texto com suas impressões e o devir do pensamento em ato que continuará impregnado das vivências, impressões e associações. Esta atividade busca favorecer a expressão do sentir para que depois possa-se trabalhar de forma mais didática e ordinal. A vivacidade do texto está justamente nos movimentos de ir e vir, propiciando uma candência e sintonia com o interlocutor/leitor. Um texto muito racional torna-se quase um “manual” ou uma lista de recomendações que não alimenta a fluidez da interlocução. Por outro lado, um texto muito aberto favorece a viagem interior do interlocutor para trajetórias pessoais que também dificultam o diálogo, a reflexão crítica e a análise que propiciam a tomada de consciência. Este equilíbrio não é estático, ele advém de uma negociação constante entre o narrador, o narrado e o interlocutor.

Gonçalves (2000 *apud* Fontes, 2006) discorre sobre as análises das narrativas-protótipos utilizadas em estudos de psicopatologia nas quais é estabelecida uma relação entre tipos psicopatológicos e conteúdo narrativo e organização discursiva. Estas organizações prototípicas “caracterizam-se pelos componentes rígidos e inflexíveis da organização narrativa da experiência” (Gonçalves, op. cit., p. 128). Não pretendemos propor formatação de análise narrativa, mas esta descrição nos remete à importância do enredo narrativo, ou seja, da ideia geral, da direção principal do narrado, seus desdobramentos e seus desvios.

Facilidades e obstáculos

Como visto anteriormente, a (auto)narrativa pode ser obtida de forma direta ou indireta, mas sempre com a aquiescência e a participação do narrador. Desponta aqui uma questão: qual motivo e finalidade levou o narrador a este aceite. Seus motivos conscientes ou não transparecerão no material produzido, quanto maior for a quantidade de dados, maiores possibilidades de articulações, mesmo sabendo que sempre haverá uma autocensura e/ou uma incapacidade de autopercepção. Uyeno (2010) considera a autobiografia como gênero marcado pela autoconstituição, característica que a inscreve na noção de otobiografia de Derrida. Telles (2013) alimenta esta discussão entre resistência, autobiografia e otobiografia quando escreve que

Essa questão fica particularmente candente nas autobiografias, que podem iluminar com intensidade alguns aspectos do autobiógrafo, mas, em função dos impedimentos internos (repressões, negações etc.), apresentam versões distorcidas e parciais do autor e suas vivências. Além do mais, elas colocam diretamente as questões mais importantes para o autobiógrafo (e para qualquer ser humano): sou eu quem conta e constrói minha biografia, ou é o Outro (mãe) quem a conta para mim, quem me constrói? Tratando essas questões, Derrida substitui “auto-biografia” (autos = eu mesmo) por “oto-biografia” (oto = ouvido), que são palavras homófonas em francês. Com isso enfatiza a importância da fala do Outro (mãe), de quem ouvimos nossa própria história. Não sou eu mesmo quem escreve minha biografia, eu a escuto do Outro (mãe).

A autonarrativa produzida no discurso livre, principalmente o oral, possibilita a associação de ideias e o aparecimento de lapsos, esquecimentos, trocas, atos falhos. Em nossa experiência, a situação mais interessante foi a filmagem digital de um diário de campo no final da realização das atividades. Com isto, a sensibilização, a emoção e a memória ainda estavam bem ativadas e o narrador motivado a registrá-las. Por outro lado, o cansaço também poderia interferir nesta disponibilidade.

A autonarrativa produzida em texto ou na escolha de objetos (documentos pessoais) favorece ao pré-julgamento, há mais tempo para optar (conscientemente ou não) o que e o quanto apresentar.

Lima e Brito (2009) descrevem a dificuldade de aderência dos sujeitos de pesquisa na atividade de escrita dos diários “narrativos”, com poucas produções ou mesmo com não produções. Eles constataram que os sujeitos mais críticos e reflexivos aderiam melhor à proposta, enquanto os demais tiveram prejuízo na produção. Para explicar a não produção do diário, os sujeitos pesquisados alegaram falta de tempo e esquecimento, basicamente. Os autores perceberam falta de compreensão e de comprometimento com a tarefa, que chamaram de “preguiça mental”, que se

estendia na “preguiça de escrita”. Podemos supor que além da falta de motivação, outros fatores possam estar interferindo neste aspecto: a falta de compreensão da validade e importância do material produzido, pouco ou nulo hábito de leitura e escrita, questão cultural de postergar tarefas, resistência psicológica ao fato de se expor, acúmulo de tarefas diárias a desempenhar, e o modo de se lidar com o tempo na contemporaneidade. Para lidar com esta situação, baseado na pesquisa-ação defendida por Morin (2004), sugerimos que a produção feita individualmente pudesse ser relida e refletida primeiramente junto ao pesquisador e depois com seus pares, com possibilidade de ser reescrita a qualquer momento. O sentido da atividade está diretamente relacionado ao sentido do que será produzido. Se o sujeito pesquisado não compreende o sentido da atividade para sua vida, como poderá relacioná-lo em sua produção? Bem, de certa forma, a esparsa ou ausência de produção apresenta uma mensagem, que embora não agrade ao pesquisador, deva ser lida com seus múltiplos sentidos.

Fortalecendo esta proposta, vem ao seu encontro o método otobiográfico, vivências de produção escrita, criado por Monteiro (2004, 2007) baseado em Derrida (1984), que poderia ser chamado de “leituras de biografias” ou “escuta de vivências”, no qual ele inverte a máxima “o que se quer dizer?” para “O que se quer ao dizer?”, o foco é o sentido de vida do narrador. Silva, Moraes e Monteiro (2011) consideram que a palavra é dita porque há vontade que dela se vale para efetivar-se, sendo assim, neste método só há uma regra: “tratar a fala como uma atividade real, colocar-se no ponto de vista daquele que fala” (p.2).

Nesta proposta, a investigação não procura saber o que aquele que participa de uma pesquisa quis dizer em determinado dito; procura-se a vontade que toma a palavra, e essa vontade encontra-se vinculada às vivências que constituem cada um de nós. Ouvir a narrativa de uma história sobre a vida de uma pessoa neste contexto, não é mera captação acústica, mas busca de sentidos das vivências. Deste modo, todas as pessoas que participam da pesquisa são ativas no processo. Procura-se a vida que pulsa nos textos, nos discursos, nas produções e, principalmente “captar melhor o que quer essa vida ouvida” (Silva, Moraes & Monteiro, 2011, p. 2).

A otobiografia não consiste em análise psicológica, ela se importa com os sujeitos e sua autoria (Silva Jr.; Moraes; Monteiro, 2011). Não sugerimos reduzir a análise autonarrativa à análise otobiográfica, mas pensá-la como um possível operador de leitura a ser articulado, visto que ela busca o autor e este não se separa de sua obra.

Há o perigo de cair na tentação de explicações simplistas ou canônicas. Neste sentido, o exercício da observação de segunda ordem, o olhar fluido (Marques, 2005) e a indagação constante são fundamentais.

Narrativa autobiográfica na formação profissional

O uso da narrativa serve tanto à investigação quanto à formação simultaneamente (Souza, 2006). Da leitura de Bueno (2002) podemos depreender que a autobiografia pode contribuir para a formação profissional contínua e consciente, a investigação temática, a emergência e provocação temática e ao movimento de contracultura, ou seja, de resistência à submissão e opressão do poder hegemônico.

Ao focar a formação profissional, a diferenciação entre a ação de narrar e de informar merece destaque. Informação é a transmissão de algum dado delineado, pronto a ser reproduzido, que pode ser apresentado por qualquer pessoa. Narração é um dado sempre em construção, inseparável do narrador. A informação busca a explicação de um fato, enquanto a narração busca a sua compreensão, assim sendo, “narrar é muito mais do que informar” (Camasmie, 2007, p. 3).

Todas as pesquisas implicam no aspecto ético, contudo a pesquisa narrativa ressalta ainda mais o respeito à subjetividade quanto à identificação do narrador. A avaliação do narrado deve permitir o questionamento e a conscientização, e não o julgamento para aprovação externa.

O narrado serve tanto à pesquisa quanto ao próprio narrado, visto que este “mergulho interior” vai para além das lembranças e favorece a reflexão consciente e a elaboração de questões internas.

De fato, acreditamos que a pesquisa narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao “ouvir” a si mesmo ou ao “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo emancipatório em que o sujeito aprende a produzir a sua própria formação determinando a sua trajetória (Josso, 2004) (Cunha, 2009, p. 10).

O profissional pode utilizar-se da autonarrativa em prol de seu aperfeiçoamento profissional, além do desenvolvimento pessoal. As reflexões advindas da análise deste material reúnem aspectos singulares e permitem a articulação com observações técnicas e metodológicas. Isto exige do profissional ousadia, comprometimento e maturidade para olhar para dentro numa justa posição, nem punitiva nem benevolente.

Considerações gerais

As argumentações apresentadas neste artigo referendam a pesquisa autobiográfica como viável, válida e mais, como uma alternativa rica no estudo sobre o ser humano. Mas também apontam que muito ainda tem-se a construir teórica e metodologicamente. Os obstáculos são para serem enfrentados e não para demoverem a decisão do caminhar.

Alargar o conceito de narrativa para além da expressão oral compreende o processo de enunciação e construção da realidade interna e externa. Como foi apresentado, a narrativa está presente nas produções “textuais” da humanidade: artes visuais, danças, músicas, moda, além da própria fala. Conteúdo e forma marcam o estilo do narrador.

A Psicologia Cultural fundamenta esta perspectiva e trata a narrativa não como descrição fiel, mas como uma leitura fruto da construção mental do narrador, uma conexão entre o singular e o universal na qual se pode abstrair o sentido atribuído. A construção do texto da narrativa apresenta seus pensamentos, sentimentos, certezas, dúvidas, reproduções e inovações alimentadas pelas interlocuções desde produção até emissão. A memória está presente de modo ativo, libertador e não meramente reprodutivo. Cada narrativa pode acrescentar ou retirar elementos. O trabalho com esta favorece a tomada de consciência que possibilita mudanças internas, rompimento com a alienação e fortalecimento da emergência do sujeito relacional. Vários campos de saber, desde literatura até a psicologia, contribuem com elementos para este estudo e proposições de análises.

Como resultado qualitativo da revisão literária, as pesquisas no campo educacional se destacam, principalmente as voltadas para a área da formação docente. Foram encontrados também alguns trabalhos na área da saúde. Embora a narrativa tenha grande valor na psicologia clínica, em nossa opinião o psicólogo tem muito a ganhar no uso da autonarrativa como foco, na sua formação e na sua trajetória profissional.

Alguns obstáculos ainda precisam ser superados, por exemplo o do autoengano na narrativa, quando o narrador não se “ouve” e nem analisa o narrado, simplesmente corta com a coerência e adequação interna e externa. Na atualidade, a fluidez tende à superficialidade e ao apagamento das marcas, a elaboração não é investida em contraposição com a produção compulsiva do novo. Esta armadilha pode agravar a angústia a níveis insuportáveis, pois o novo depois de expresso já é descartável, uma vez que não é mais novo. Há um vazio inominável e não fértil. A patologia no/ do sujeito e de/nas suas interações visualiza-se na ausência da elaboração, do olhar para si e para o outro. O trabalho com a narrativa resgata a subjetividade e a posição saudável do sujeito, que pode ser aplicado em diversos campos do saber.

Referências

- Bamberg, M.; Georgakopoulou, A. (2008). Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text and Talk*. 28(3):377-396·May 2008. DOI: 10.1515/TEXT.2008.018.
- Belei, R. A. Gimenez-Paschoal, S. R.; Nascimento, E. N; Matsumoto, P. H. V. R. (2008). O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*. FaE/PPGE/UFPel. Pelotas, Vol. 30, p.187-199, jan/jun, 2008.
- Bossle, F.; Molina Neto, V.(2009). No “Olho do Furacão”: uma autoetnografia em uma escola da rede municipal de ensino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas. 31(1), p.131-146, setembro de 2009.
- Bueno, B. O. (2002). O método autobiográfico e os estudos com história de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, 28(1), p.11-30, jan/jun, 2002.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bruner, J. (1997). *Atos de Significação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Camasmie, A. T. (2007). *Narrativa de histórias pessoais: um caminho de compreensão de si mesmo a luz do pensamento de Hannah Arendt*. São Paulo: Programa de Pós graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica. (Dissertação de mestrado).
- Cunha, R. C. (2009). A pesquisa narrativa: uma estratégia investigativa sobre o ser professor. GT 2. V *Encontro de Pesquisa em Educação*. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. 18 a 20 de março de 2009. Universidade Federal do Piauí (UFPI).
- Epprecht, C. (2012). A imaginação na escrita de si: estudo a partir de Sérgio Sant’Anna. *Palimpsesto*. Revista da Pós Graduação de Letras. ISSN 1809-3507. 11(14).
- Fonte, C. A. (2006). A narrativa no contexto da ciência psicológica sob o aspecto do processo de construção de significados. *Psicologia teoria e prática*. 8(2), pp.123-131.
- Garcez, A.; Duarte, R.; Eisenberg, Z. (2011). Produção e análise de videogravações

em pesquisas qualitativas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 37(2), pp.249-262, mai/ago/2011.

Lima, J. G.; Brito, A. (2009). E. Propostas de uso de “diários” narrativos de aula em estudos educacionais e de formação profissional docente: seu uso no liceu piauiense em professores de história. GT 2. V *Encontro de Pesquisa em Educação*. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. 18 a 20 de março de 2009. Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Mainardi, D. M. (2009). O. Método otobiográfico no estudo da formação da mulher para se tornar policial militar. 17º *Seminário Educação*. Políticas educacionais: cenários e projetos sociais. Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE). Cuiabá/MT. 22 a 25 de novembro, 2009.

Marques, V. (2005). *Ruptura epistemológica e psicologia: a importância do olhar fluido*. Rio de Janeiro: Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Tese de doutorado). DOI: 10.13140/RG.2.2.35872.99841.

Monteiro, S. B. (2004). *Quando a pedagogia forma professores: uma investigação otobiográfica*. São Paulo: Programa de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo USP. (Tese de doutorado).

_____. (2007). Otobiografia como escuta das vivências presentes nos escritos. *Educação e pesquisa*. São Paulo, 33(3), p.471-484, set/dez/2007.

Morin, A. (2004). *Pesquisa-Ação Integral e Sistêmica: Uma Antropopedagogia Renovada*. Rio de Janeiro: DP&A.

Phoenix, A. (2013). Analyzing Narrative Contexts In M. Andrews; C. Squire; M. Tamboukou. *Doing Narrative Research*. 2ªed. Sage: Los Angeles. pp. 64-77.

Ricouer, P. (1997). *Tempo e narrativa*. São Paulo: Papirus.

Silva, T. P. (2012). O que dizem os escritores sobre a definição do que se tem chamado de autoficção. *Palimpsesto*. Revista da Pós Graduação de Letras. ISSN 1809-3507. 11(14).

Silva, F. C. R.; Mendes, B. M. M. (2009). (Auto)biografia, pesquisa e formação: aproximações epistemológicas. GT 2. V *Encontro de Pesquisa em Educação*. Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação. 18 a 20 de março de 2009. Universidade Federal do Piauí (UFPI), 2009.

Silva Jr, A. J.; Moraes, M. A. M. ; Monteiro, S. B. (2011). Otobiografia: a escuta das vivências como escolha teórica-metodológica para pesquisa em educação e

saúde. *Anais. Ciências da Enfermagem em tempos de interdisciplinaridade*. Trabalho 22. 16º SENPE. 19 a 22 de junho de 2011. Campo Grande MS.

Souza, E. C. de (Org.) (2006). *Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino*. Salvador/ Bahia: EDUNEB – EDIPUCRS.

Squire, C.; Andrews, M.; Tamboukou, M. (2013). Introduction What is narrative research? In M. Andrews; C. Squire; M. Tamboukou. *Doing Narrative Research*. 2ª ed. Sage: Los Angeles.

Shuman, A. (2012). Exploring narrative interaction in multiple contexts. In J. A. Holstein and J. F. Gubrium (ed.) *Varieties of narrative analysis*. Sage: Los Angeles. p.125-145.

Telles, S. (2013). Biografias, autobiografias, otobiografias. *Psicanálise em debate. Psychiatry on line Brasil*. 18(11), Novembro de 2013.

Trahar, S. (2009). Beyond the story itself: narrative inquiry and autoethnography in intercultural research in higher education. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 10 (1) art. 30. January 2009.

Uyeno (2010). Posfácio. In Romero, T. R. S. *Autobiografias na (re)construção de identidades de professores de línguas: o olhar crítico-reflexivo*. Coleção Novas Perspectivas em Linguística Aplicada. Campinas, SP: Pontes.

Valéria Marques de Oliveira: É professora universitária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Educação, Departamento de Psicologia Graduação e Mestrado em Psicologia. Lidera os grupos de pesquisa: “Narrativas emancipatórias de si e da realidade: foco nas pessoas com necessidades especiais e/ou risco social; e Equoterapia: campo interdisciplinar de educação, saúde e desporto. Mestrado em Educação (Universidade do Estado do Rio de Janeiro/1996), Doutorado em Psicologia (Universidade Federal do Rio de Janeiro/2005), Pós-doutorado em Educação (Universidade do Estado do RJ/2011). marquesvaleria@globo.com

Cecília Raquel Satriano: É investigadora e professora titular da Universidad Nacional de Rosario (Argentina). Possui graduação em Psicologia pela Universidad Nacional de Rosario(1980), especialização em ADMINISTRACION DE SERVICIOS DE SALUD MENTAL pela Universidad Nacional de Córdoba(1986), doutorado em Psicologia pela Universidad Nacional de Rosario(2004). Tem experiência na área de Psicologia. Atuando principalmente nos seguintes temas:abordajes, desnutrición infantil, subjetividad, terapia. ceciliasatriano@fibertel.com.ar